

TRANSCRIÇÃO DO VALE DO AVE EM SOM: ‘VER’ O ESPAÇO ATRAVÉS DO ‘OUVIR’

Transcribing Vale do Ave into sound: ‘seeing’ space through ‘listening’

SILVA, Cidália¹, & LEITE, Eugénia²

Resumo

A transcrição do ‘Vale do Ave em som’ surge do cruzamento da representação do território com a representação sonora, enquanto ferramenta operativa de interpretação de duas amostras do Vale do Ave — o centro de Guimarães e ‘entre Brito e Silveiras’ —, através da criação de notações gráficas ambivalentes, que simultaneamente representam o espaço e o som. Neste artigo, apresenta-se o raciocínio base do processo de transcrição criado, o qual tem como questão geradora: *como transcrever o espaço urbano em som?* Reconhecendo-se que tanto o som como o espaço são passíveis de representação gráfica, o processo de investigação gerou uma linguagem de interseção entre o espaço ‘real’, das amostras selecionadas, e a composição sonora correspondente. *Qual a sonoridade dos espaços de cada lugar? Como encontrar uma linguagem comum?* Os experimentos desenvolvidos foram elaborados no sentido de dar resposta a estas questões, permitindo avançar com a investigação sobre a interseção entre a representação da composição do território e a composição sonora e respetiva construção da metodologia de transcrição, apoiada em estratégias operativas. Estratégias estas, que se aproximaram tanto à compreensão dos vínculos ‘entre’ espaço e som, sistematizados na linguagem explorada através da gramática e do abecedário de interseção criados, como no desdobramento do método de transcrição aplicado às amostras selecionadas, o qual teve como resultado a criação de composições sonoras originais correspondentes ao espaço investigado.

Abstract

Transcription of 'Ave's Valley in sound' is generated through the intersection of territory representation with sound representation, as an operative tool for interpretation of two samples of Ave's Valley — the centre of Guimarães and 'between Brito and Silveiras' —, through creating ambivalent graphical notations, which represent both the space and the sound. In this paper, we present the reasoning of the transcription process crafted, which has as generating question: *how to transcribe the urban space in sound?* Recognizing that both the sound and the space are susceptible of graphic representations, the outlined process generates a language of intersection between the ‘real’ space, of the selected samples, and the corresponding sound composition. *What is the sound of each place's spaces? How to find a common language?* Developed experiments were carried out in order to address these issues, making research progress on the intersection between the representation of the composition of the territory and the sound composition, through the transcription methodology constructed, based on operative strategies. These strategies, came not only from understanding the linkages 'between' space and sound, systematized in a language, explored through the grammar and the created alphabet, but also by unfolding the transcription method applied to the selected samples, which resulted in original sound compositions consequent to the investigated space.

Palavras-chave: *Transcrição; Gramática; Território; Som; Espaço.*

Key-words: *Transcription; Territory; Sound; Space.*

Data de submissão: fevereiro de 2020 | **Data de aceitação:** setembro de 2020.

¹ CIDÁLIA FERREIRA SILVA - Universidade do Minho. PORTUGAL. E-mail: cidalia@arquitectura.uminho.pt.

² EUGÉNIA AGUIAR LEITE - Universidade do Minho. PORTUGAL. E-mail: eugeniaaleite@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A transcrição do ‘Vale do Ave em som’³ surge do cruzamento da representação do território com a representação sonora, enquanto ferramenta operativa de interpretação de duas amostras do Vale do Ave — o centro de Guimarães e ‘entre Brito e Silvares’ —, através da criação de notações gráficas ambivalentes, que simultaneamente representam o espaço e o som. Neste artigo, apresenta-se o raciocínio base do processo de transcrição criado, o qual tem como questão geradora: *como transcrever o espaço urbano em som?* Reconhecendo-se que tanto o som como o espaço são passíveis de representação gráfica, o processo de investigação gerou uma linguagem de intersecção entre o espaço ‘real’, das amostras seleccionadas, e a composição sonora correspondente. *Qual a sonoridade dos espaços de cada lugar? Como encontrar uma linguagem comum?* Os experimentos desenvolvidos foram elaborados no sentido de dar resposta a estas questões, permitindo avançar com a investigação sobre a intersecção entre a representação da composição do território e a composição sonora e respetiva construção da metodologia de transcrição, apoiada em estratégias operativas. Estratégias estas, que se aproximaram tanto à compreensão dos vínculos ‘entre’ espaço e som, sistematizados na linguagem explorada através da gramática e do abecedário de intersecção criados, como no desdobramento do método de transcrição aplicado às amostras seleccionadas, o qual teve como resultado a criação de composições sonoras originais correspondentes ao espaço investigado.

1. APROXIMAÇÃO À LINGUAGEM COMUM: encontrar os vínculos entre espaço e som

Como criar uma linguagem comum, que simultaneamente represente o espaço numa amostra de território e seja passível de ser uma notação gráfica sonora? Cedo se entendeu a impossibilidade da notação musical convencional (pauta) representar o território, uma vez que esta usa um sistema de símbolos que apenas correspondem ao som, sendo assim unilaterais. O primeiro desafio da linguagem a ser criada estabelecia-se na necessidade de esta ser bilateral, ou seja, ser o ‘entre’ o espaço e o som, o vínculo espaço-som.

³ Este artigo é escrito com base no trabalho de investigação realizado no âmbito da tese do Mestrado Integrado em Arquitectura (Leite, 2014).

Qual o primeiro vínculo encontrado? O Percurso tornou-se o recurso dos ensaios de intersecção, pois assim como um Percurso é uma sucessão linear de acontecimentos no espaço, vividos no tempo, ao ser percorrido, uma Sonoridade é uma sucessão linear de acontecimentos no tempo, vividos no espaço ao ser ouvida. Assim o tempo é o primeiro vínculo, uma vez que tanto o caminhar no espaço, como a música, são processos lineares no tempo. Como refere Hanoch-Roe (2007, p. 77) “as sequências lineares incorporam noções de movimento, percepção móvel e ritmo, que tornam a sua experiência semelhante à de outras artes como a música, dança e cinema”.

O processo de transcrição adotou, assim, como análise focal a interpretação de dois Percursos (Fig. 1 e Fig. 2), cada um encontrado pela ação de percorrer o espaço de cada amostra selecionada. Por sua vez, as amostras escolhidas decorrem do reconhecimento da variabilidade morfológica do Vale Ave, caracterizado por dois modelos de povoamento⁴: o compacto e o difuso (Silva, 2007: 4). Assim do tecido compacto do Vale do Ave, selecionou-se o centro de Guimarães⁵ (Fig. 3), enquanto do tecido difuso selecionou-se a amostra ‘entre Brito e Silvares’⁶ (Fig. 4).

Fig. 1 – Fotografias do Percurso no centro histórico de Guimarães.



⁴ Segundo Cidália Silva (2007) o Vale do Ave tem dois modelos de povoamento, a saber: o modelo compacto e o modelo difuso. O modelo compacto corresponde ao tecido urbano das sedes de concelho (Guimarães, Vila Nova de Famalicão, Santo Tirso, Vizela e Trofa) e o modelo Difuso, corresponde ao tecido urbano ‘entre’ as sedes de concelho. A seleção das amostras para esta investigação resulta deste reconhecimento, garantindo não só a sua relevância para o aprofundamento do estudo deste território, como a possibilidade de criar uma linguagem que integra um leque mais diverso de morfologias urbanas, revelando conseqüentemente o seu potencial de aplicabilidade a outros lugares do urbano contemporâneo.

⁵ O tecido compacto do centro de Guimarães caracteriza-se essencialmente pela sua malha densa e hierarquizada, assim como pelas frentes edificadas contínuas a caracterizar o seu espaço público, nomeadamente, praças, ruas e jardins.

⁶ Em ‘entre Brito e Silvares’ identificam-se as características preponderantes do tecido difuso, nomeadamente, o facto da edificação não ter a preponderância na ocupação do território. Esta é implantada numa rede infra-estrutural densa, e resulta da proximidade entre atividades – indústria, habitação com atividades complementares e agricultura —, as quais se apropriam dos recursos do território, nomeadamente da água e do solo, nas suas vocações específicas. A parcela tem uma capacidade generativa neste tecido urbano, sendo que o sistema de relações morfológicas no difuso é descrito pela articulação entre parcelas agrícolas, habitacionais e industriais, assim como espaços florestais nas cotas mais elevadas.



Fig. 2 - Fotografias do Percurso 'entre Brito e Silvares'.



Fig. 3 - O percurso seleccionado no centro de Guimarães inclui a Rua D. João I, O Largo do Toural, a Rua de S. António, a Rua Vale Donas, Rua João Lopes de Faria, Praça Santiago, Largo da Oliveira, Alameda de S. Dâmaso, Largo da Condessa do Juncal, Largo 25 de Abril e termina no fim da Avenida D. Afonso.



Fig. 4 - O percurso selecionado 'entre Brito e Silvares' inicia na Rua do Rio Ave, Rua da Liberdade, Travessa das Bouças, atravessa o Rio até chegar à Rua dos Moinhos, continua pela Avenida 25 de Abril, Rua 1º de Maio, Rua dos Moleiros e termina numa parcela agrícola.

A escolha do Percurso, como princípio do método de transcrição, revela-se fulcral em dois fatores transversais à investigação, a saber: o primeiro remete para o facto de permitir um olhar específico sobre o território, uma vez que o observador possui um papel ativo no processo, pois a recolha de informação é feita a partir do ato de percorrer o lugar *in situ*; o segundo fator confere “tempo” ao espaço, uma vez que o Percurso é percorrido ao longo de um determinado intervalo de tempo; enfatizando-se assim que “o olho parado não vê” (Pimenta, 1993: 4), a complexidade do lugar-território.

Neste artigo, apresenta-se o raciocínio base que levou à criação desta linguagem de transcrição, estruturada em três pontos: (1) a gramática; (2) o abecedário; e (3) a metodologia de aplicação, exemplificada numa fração do percurso 'entre Brito e Silvares.'

1.1. A gramática

Para fazer a transcrição do território em som cria-se uma gramática, definindo um sistema de regras, as quais operativamente permutam informação entre a organização do espaço e a composição sonora (Fig. 5).

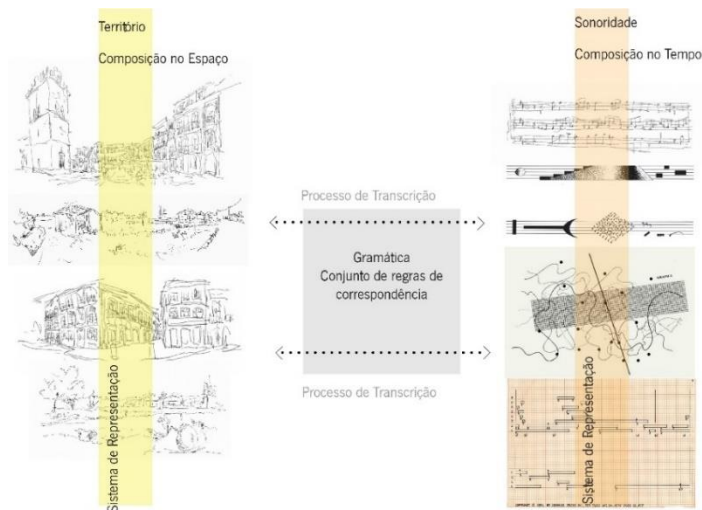
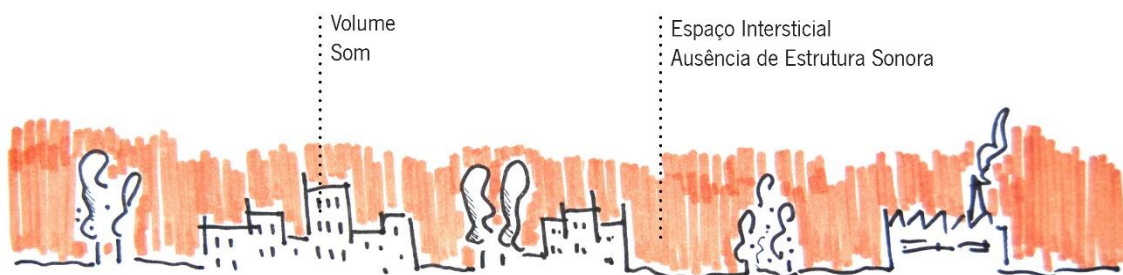


Figura 5 - Esquema representativo da função da gramática, enquanto elemento comum entre a representação do território e a representação sonora. Esquerda: Desenhos elaborados em visitas ao território em estudo. Direita: notação gráfica.

Para delinear a gramática é necessário estabelecer os parâmetros de **correspondência**, entre os elementos constituintes do território e os elementos estruturais de uma composição sonora, encontrando assim os vínculos ‘entre.’ Destes selecionam-se, a título de exemplo, *a que elementos sonoros correspondem os volumes e espaços intersticiais do território?* Um percurso urbano é conformado por **volumes** construídos, como edifícios, muros, etc., e por **espaços intersticiais**, como praças, jardins, espaços ‘entre’ volumes. Assim, fez-se corresponder o ‘volume’ ao ‘som’ e os ‘espaços intersticiais’ à ‘ausência de estrutura sonora,’ ou seja ao silêncio (Fig. 6).

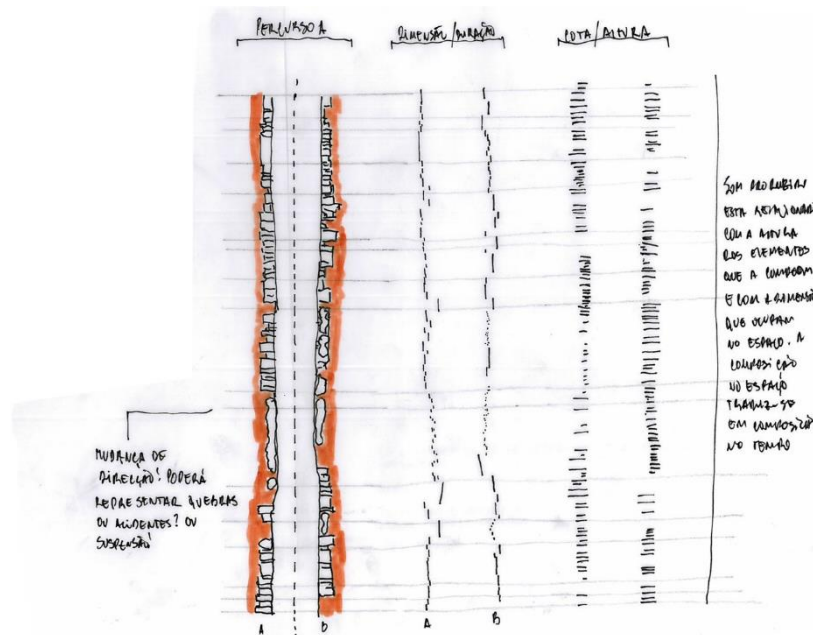
Fig. 6 - Desenho esquemático da correspondência de elementos estruturais do território, neste caso volume e espaço intersticial, com elementos compositivos sonoros, som e ausência de estrutura sonora.



Os vínculos encontrados são aplicados aos dois alçados do Percurso. O Percurso é composto por duas frentes de informação, o lado direito e o lado esquerdo, que organizam e acompanham o espaço percorrido, cada um com as suas especificidades. A transcrição dos alçados corresponde às dinâmicas de **stereo**. O stereo caracteriza-se por uma representação tridimensional do som que é reproduzido por duas fontes de áudio diferentes e sincronizadas. O **objetivo é conferir tridimensionalidade ao som**, através

da distribuição dos mesmos em tempo real, proporcionando a **sensação espacial**. Assim, cada Percurso tem dois alçados a serem transcritos, resultando em **duas sonoridades**, que correspondem a **dois canais de áudio**. Os dois alçados, sincronizados, acordam o seu contributo para a construção de uma composição sonora, de forma a reproduzir a atmosfera espacial do espaço (Fig. 7).

Fig. 7 - Alçados direito e esquerdo do Percurso e ensaios de decomposição correspondentes.



1.2. O abecedário

Uma vez definidos os parâmetros de correspondência, é necessário criar uma representação gráfica dos elementos do território e atribuir-lhe um som, ou seja, desenhar as 'letras' do território e dar-lhe a sua fonética. Da mesma forma como o 'a' corresponde a um som, permitindo a sua transmissão, também os elementos gráficos desenhados, correspondem a uma sonoridade (Fig. 8). Das 'letras' sistematizadas (Leite, 2014: 180-181) seleciona-se como exemplo a trama preta, a qual é utilizada para a representação de um volume edificado e corresponde a um som mais denso, enquanto que a trama de pontos representa árvores e corresponde a uma sonoridade mais fluida. Pretende-se que a diferenciação, nas sonoridades e timbres reproduzidos, permitam identificar os diferentes elementos que compõem o território, assim como as consequentes correspondências.

Fig. 8 - Exemplo do sistema de representação dos elementos transcritos. Relação entre composição compacta e porosa e respetiva sonoridade correspondente (aqui descrita textualmente).

Abecedário	Materialidade	Timbre
	Composição compacta	Sonoridade densa
	Composição porosa	Sonoridade fluida

O abecedário é o conjunto de elementos base da linguagem comum entre espaço e som. Como as letras formam palavras, que formam frases, também este abecedário permite formar as frases, parágrafos, e finalmente o ‘texto’ – notação gráfica ambivalente –, simultaneamente passível de representar o espaço e o som. Em síntese, o abecedário é “a escrita e o som,” o qual materializa a representação (visual-sonora) da gramática de correspondências definida e permite a transcrição das amostras de território selecionadas, através da metodologia de transcrição, seguidamente explicitada.

1.3. A metodologia

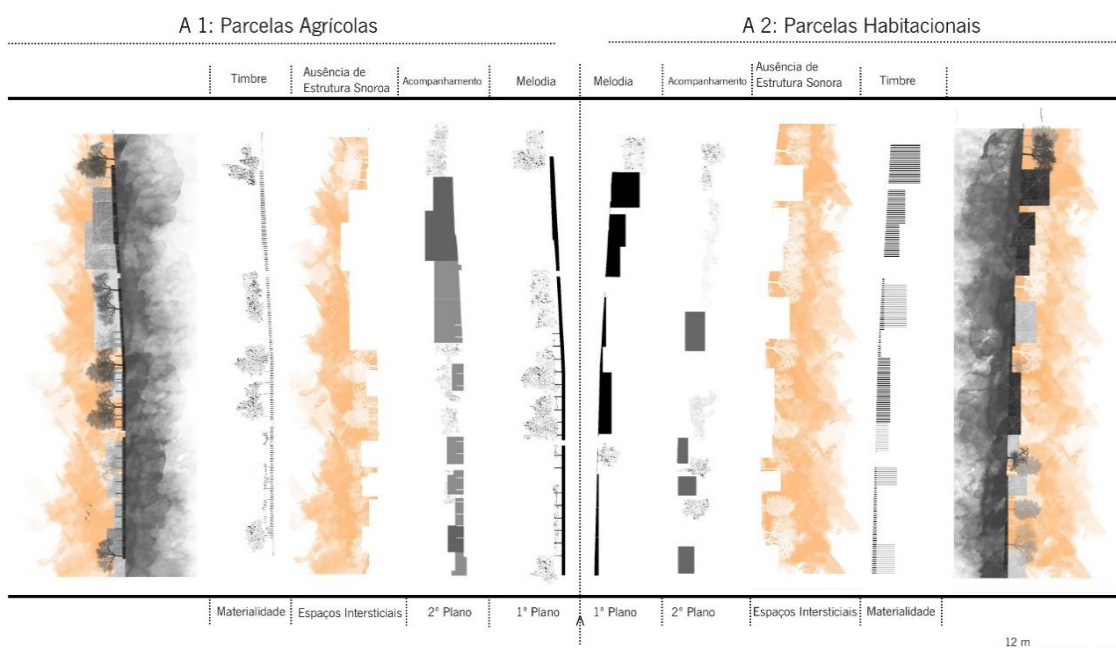
Encontrados os parâmetros de correspondência e a sua escrita espaço-sonora, define-se a **Metodologia de Transcrição**, ou seja, a sistematização da aplicação da gramática e do abecedário.

Esta metodologia é composta por três categorias: o alçado, a planta e a experiência vivida. Cada uma destas categorias é subdividida em estratos que representam diferentes pontos de vista e camadas do território. A cada um dos estratos é aplicado o processo de transcrição, onde são usadas as regras da gramática e as representações do abecedário já referido. Da transcrição de cada estrato, resulta uma notação gráfica que representa uma especificidade espaço-sonora.

Qual a necessidade de desdobrar a análise do território em vários estratos? Cada um corresponde a uma informação diferente, não só relativa ao lugar, mas também relativa a uma característica da composição sonora; da mesma forma, os estratos juntos e sobrepostos compõem as sonoridades do Percurso. Quantas mais variantes são consideradas, mais fiel e articulada é a composição sonora com o lugar, dado que são transcritas diferentes camadas de complexidade. Como refere James Corner (1992: 147-148): Existe uma duração da experiência, um desenrolar serialista dos antes e depois. Tal como uma paisagem não pode ser reduzida espacialmente a um único ponto de vista, não pode ser congelada num único momento do tempo. A geografia de um sítio torna-se conhecida para nós através de uma acumulação de fragmentos, devaneios e incidentes que sedimentam significado, 'acumulando-se' ao longo do tempo. Onde, quando e como alguém experiencia uma paisagem origina qualquer significado que deriva da mesma."

No exemplo da Figura 9, ilustra-se uma fração do percurso 'entre Brito e Silveiras', cujo alçado esquerdo é conformado por parcelas agrícolas, enquanto que o direito é conformado por parcelas habitacionais.⁷ Do exterior para o interior visualiza-se o desenho dos alçados e o correspondente desdobramento dos estratos da notação gráfica espaço-sonora.

Fig. 9 - Exemplo do método de transcrição aplicado aos alçados direito e esquerdo duma fração do Percurso de 'entre Brito e Silveiras' através do desdobramento dos vários estratos da notação gráfica espaço-sonora.



⁷ Dada a complexidade do processo de transcrição optou-se por exemplificar o desdobramento aplicado apenas à categoria dos alçados; ver p. 158-167, para estudar a categoria planta; e ver p. 168-175 para a categoria experiência vivida (Leite, 2014).

A notação gráfica, que resulta do desdobramento, representa a informação a ser executada em sonoridades parciais. Após a sua transcrição é possível executar e reproduzir as sonoridades de cada estrato, sendo que a reprodução simultânea de todos os estratos corresponde à composição sonora do Percurso transcrito, resultando na síntese espaço-sonora⁸ do percurso. O ‘entre’ espaço percorrido e o som correspondente.

2. TRANSCRIÇÃO EM ABERTO: ver o espaço através do ouvir

A investigação ao abordar tanto uma amostra do território difuso (entre Brito e Silves), como uma do território compacto (centro de Guimarães), criou uma metodologia abrangente, possibilitando a sua aplicação a outros lugares do urbano contemporâneo e a sua correspondente transcrição sonora.

Interessa salientar, que dependendo da escala de aproximação ao lugar, podem vir a ser integrados novos parâmetros de correspondência, como por exemplo as sombras, a transformação do território ao longo do tempo, as aberturas de um edifício, etc. ‘Ver o espaço através do ouvir,’ continua assim em aberto, para ouvir outros lugares e assim vê-los.

O ouvinte, que aprenda a linguagem proposta, ao escutar uma sonoridade de um percurso, consegue criar uma imagem mental do lugar, sem nunca o ter percorrido. Inversamente, ao percorrer o território, o observador consegue reproduzir uma sonoridade mental, que a sua transcrição pode conceber.

O processo de experimentação explorado estabelece uma aproximação ao território complementar às usadas tradicionalmente pela arquitetura enquanto campo expandido (Silva, 2011). Simultaneamente, cria uma possibilidade original de composição sonora, relativa aos lugares que habitamos no nosso dia-a-dia.

O presente processo de experimentação resulta do devir entre o território e o seu desenho sonoro. É no entre espaço-som, desenhar-anotar, ver-ouvir, que este projeto explora o potencial incerto da aprendizagem (inter-)disciplinar.

⁸ Para ouvir duas das composições sonoras resultantes da transcrição consultar: <http://youtu.be/8GpEyrOPb8o> e <http://youtu.be/hKpISPeg4A4>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corner, J. (1992) [2002]. Representation and the landscape. In Simon Swaffield (Ed.), *Theory in landscape architecture* (pp. 144-165). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Hanoch-roe, G. (2007). Scoring the path: linear sequences in music and space. In Mikesch Muecke e Miriam Zach (Eds.), *Resonance: essays on the intersection of music and architecture* (pp. 77-145). Ames, Berlin, Gainesville, Tokyo: Culicidae Architectural Press,.

Leite, E. (2014). *Transcrição do território em som: processo de experimentação aplicado a duas amostras do Vale do Ave* (Dissertação de Mestrado, Mestrado Integrado em Arquitectura, Universidade do Minho).

Pimenta, E. (1993). *Arquitetura virtual*. UK: ASA Art and Technology.

Silva, C. (2007). Saber ver o difuso no Vale do Ave. In *Ist international conference of young urban researchers*. ISCTE. Lisboa. Refereed Conference Paper. Disponível em <http://conferencias.iscte.pt/viewabstract.php?id=184&cf=3> (consultado a 3 de Março 2019).

Silva, C. (2011). Architecture as expanded field. In B. Cope & J. Poss (Eds.), *The International Journal of the Constructed Environment*, 1(3), 55-70.